



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 1 de fevereiro de 2020



Rocé e Adolfo Kaminsky | 2019 | [instagram do artista @rocemusic](https://www.instagram.com/rocemusic)

1

DOCUMENTOS FALSOS. DOCUMENTOS SALVOS

Fernanda Vilar

O que poderia ligar a vida do falsário Adolfo Kaminsky (1925), nascido na Argentina de pais judeus russos, ao rapper francês Rocé (1977) de origem Tuaregue-argelina?

Adolfo Kaminsky migrou aos 6 anos para França com os pais e trabalhou desde os 13 anos numa tinturaria removendo manchas, trabalho que o colocou ao serviço da resistência, uma vez libertado do campo de Drancy em 1943. Tornou-se, a partir de então, e sigilosamente, um falsificador de documentos. Salvou judeus dos



campos e, depois da guerra, enviou judeus para a Palestina, até que se desencantou com a criação de um estado judeu. Era um apátrida até casar-se, em 1950, mas finalmente aceitou a nacionalidade francesa, convencido de que os colonialismos teriam fim.

Em Paris, conheceu pessoas ligadas à FLN (Frente de Libertação Nacional) da Argélia. Com eles fez um acordo: *não iniciar uma guerra em território francês em troca de documentos falsificados*. Tudo pelo ideal de acabar com uma guerra que apenas fabricava vítimas. Entre seus trabalhos de falsificador, feitos em um laboratório artesanal em casa, ele continuava fazendo pequenos serviços de tinturaria. Durante um trabalho para um grupo anti-Apartheid sul-africano, sentiu-se ameaçado e fugiu, em 1971, para a Argélia. Apaixonou-se por uma argelina negra, da etnia tuaregue, que combatia pelo MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) e com quem teve três filhos. Fabricou documentos para ajudar na libertação de Angola, assim como para os independentistas da Guiné Bissau, países que ainda estavam sob o jugo colonial em África. Também ajudou aqueles que sofriam nas ditaduras em Portugal ou na América Latina.

Adolfo Kaminsky participou secretamente de vários processos históricos do século XX. Seu destino romanesco foi publicado em livro graças ao meticuloso trabalho de sua filha, Sarah Kaminsky (1979) que investigou a fundo a história de clandestinidade, engajamento, fugas e medos de seu pai. Em *Adolfo Kaminsky, une vie de faussaire* (2009, *Adolfo Kaminsky, uma vida de falsificador*) são retraçados os trinta anos de trabalho em surdina de seu pai num pano de fundo de disputas políticas impiedosas, racismos aniquiladores e lutas de diferentes povos por sua liberdade e pela dignidade humana.

Sarah Kaminsky herdou de seu pai o dever cidadão de compactuar com o lema “Igualdade, fraternidade e liberdade” e quis transmitir esse dever aos filhos. Dessa maneira, seus ideais também floresceram no trabalho de um outro filho, irmão de Sarah, José Kaminsky, conhecido pelo nome artístico de Rocé. Para homenagear o pai, para quem o engajamento não é apenas uma palavra, ele compôs a canção “Je chante la France” :

Meu pai lutou contra Vichy e a colaboração
Especialista em papéis falsos, salvou as vítimas de traição
Agir e resistir quando o país enlouquece
Ele oferece humanidade sem ter o aval do Presidente
Clandestinidade, por causa de suas origens
Destas batalhas iniciadas, para colocar a justiça na balança
A Juventude, a saúde, estão enclausuradas na resistência
Sem ser francês, sem ter recompensas, não tem problema, ele salva a França.(1)



Rocé insere em sua poesia as lutas clandestinas de seu pai. Ele escolhe o RAP (*Rhythm and Poetry*) porque é uma *música engajada que se canta na primeira pessoa*. No RAP ele encontra as palavras para se definir, pois a sociedade não consegue identificar quem são essas vozes da periferia. A história de sua família o faz acreditar num projeto baseado na transmissão e, por isso, com sua música, quer trazer elementos de identificação positivos para os atores da margem do mundo.

Em finais de 2018, nasce o álbum antológico “ Par les damné.e.s de la terre, 1969-1988” (Pelas/os condenados/as da terra) – que retoma o título do célebre último livro de Frantz Fanon *Les damnés de la terre* (1961, *Os condenados da terra*) – em que as falhas da transmissão de uma memória colonial são restabelecidas por um trabalho artístico coletivo que reúne 24 discursos políticos e músicas francófonas engajadas. Rocé busca com o disco tirar algumas figuras históricas do esquecimento, valorizando as diferentes lutas que fizeram a história contemporânea da Europa e colocando em evidência a resistência de suas antigas colônias.

A urgência da transmissão é evidente na família Kaminsky: os ideais de um pai, que falsificou documentos para salvar vidas, a obstinação da filha, que recolheu documentos para contar essa história e o trabalho artístico do filho, que transformou em arte não apenas a vida do pai, mas deu nova vida a cantos de resistência. Trata-se de uma família que interroga constantemente o presente, pois sabe que a história de uma luta que não é dita, repete-se em prejuízo daqueles que são mais fracos.

Notas:

[Uma exposição](#) sobre Adolfo Kaminsky está a decorrer em Paris no Museu do Judaísmo até dia 19 de abril de 2020.

Para [um curto vídeo](#) sobre a vida de Adolfo Kaminsky.

[Um podcast](#) sobre o trabalho de Rocé.

(1) Rocé, “Je chante la France”, in: *Identité en crescendo*, 2006. A tradução é nossa. A letra original é a seguinte: «Mon père a combattu Vichy et collaboration / Expert en faux-papiers, sauve les victimes de trahison / Agir et résister quand la patrie perd la raison / Il offre l’humanité sans prendre l’accord du président / La clandestinité, à cause de ses appartenances / De ces combats menés, pour mettre justice dans la balance / La jeunesse, la santé, sont cloîtrées dans la résistance / Pas français pas d’récompenses, pas d’problèmes, il sauve la France».



DOCUMENTOS FALSOS.
DOCUMENTOS SALVOS

Fernanda Vilar é investigadora do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC n. 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

